

Geuciane Felipe Guerim Fernandes
(Organizadora)

ARTE e CULTURA:

Desenvolvimento
intelectual e
cognitivo



Geuciane Felipe Guerim Fernandes
(Organizadora)

ARTE e CULTURA:

Desenvolvimento
intelectual e
cognitivo



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Arte e cultura: desenvolvimento intelectual e cognitivo

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Geuciane Felipe Guerim Fernandes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte e cultura: desenvolvimento intelectual e cognitivo / Organizadora Geuciane Felipe Guerim Fernandes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0488-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.880220909>

1. Artes. 2. Cultura. I. Fernandes, Geuciane Felipe Guerim (Organizadora). II. Título.

CDD 700

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Uma das formas de promover o saber elaborado, consiste em viabilizar o acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade. A obra “Arte e cultura: Desenvolvimento intelectual e cognitivo” tem como objetivo principal divulgar caminhos produzidos pela humanidade, por meio da cultura, arte, literatura e música.

O homem, portanto, resultado de um processo constante e inacabado se constrói por meio de suas relações históricas e culturais, mediadas pelo outro e por suas produções. Ao exteriorizar suas forças essenciais, a arte, fruto de toda a história da humanidade, possibilita ao homem afirmar-se sobre o mundo exterior, por meio da capacidade de expressão e de objetivação das subjetivações humanas (DEBIAZI, 2013).

Dessa forma, os artigos reunidos apresentam a arte enquanto conteúdo clássico, capaz de fazer reviver grandes questões da humanidade e trabalhar questões fundamentais da vida e do desenvolvimento humano. Ao viabilizar importantes contribuições, a obra nos instiga a refletir e estabelecer relações significativas entre cultura, arte, literatura, música, em um constante processo formativo e educativo.

Agradeço a confiança para apresentar esta obra aos leitores.

Geuciane Felipe Guerim Fernandes

REFERÊNCIA

DEBIAZI, Marcia da Silva Magalhães. Estética marxista e educação: formação para a emancipação humana. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Unioste, Cascavel: PR, 2013. Disponível em: . Acesso em: 02 set. 2022.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS CONTRIBUIÇÕES DAS DIFERENTES DIMENSÕES DA ARTE NA PERSPECTIVA INFANTIL	
Isabelle Cerqueira Sousa	
Tatiânia Lima da Costa	
Cintia da Silva Soares	
Raimunda Cid Timbó	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8802209091	
CAPÍTULO 2	14
CULTURA POPULAR: UMA ANÁLISE CONCEITUAL PARA PESQUISA EM ENSINO E INDENTIDADES CULTURAIS	
Diego Romerito Braga Barbosa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8802209092	
CAPÍTULO 3	26
A VIDA EM ESPIRAL: UMA ANÁLISE DE UM CONTO DE GEOVANI MARTINS	
Alessandro Lasry	
Alex Moreira Carvalho	
Alicia Teixeira Sachs	
Isabella Lapoian Iervolino	
Thaís Mendes Sinibaldi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8802209093	
CAPÍTULO 4	38
CANÇÃO POPULAR E LITERATURA: O CASO DE JOÃO DO VALE	
Ludmila Portela Gondim Braga	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8802209094	
CAPÍTULO 5	47
O TOM DA IDEOLOGIA NA MÚSICA “AGUATEIRO”: REPRESENTAÇÕES E SIGNIFICADOS DO TRABALHO SALADERIL	
Henrique Pereira Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8802209095	
CAPÍTULO 6	60
BANDAS INSTRUMENTAIS NA REGIÃO DE MONTENEGRO: UMA PESQUISA DOCUMENTAL	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8802209096	
SOBRE A ORGANIZADORA	77
ÍNDICE REMISSIVO	78

O TOM DA IDEOLOGIA NA MÚSICA “AGUATEIRO”: REPRESENTAÇÕES E SIGNIFICADOS DO TRABALHO SALADERIL

Data de aceite: 01/09/2022

Henrique Pereira Lima

Acadêmico do Curso de Direito da
Universidade de Passo Fundo (Campus
Sarandi/RS). Palmeira das Missões
<http://lattes.cnpq.br/3883069295229318>

RESUMO: A arte através de suas inúmeras manifestações dialoga com a realidade social, ora confirmando valores, ora os denunciando, mas sempre de forma cognoscível e sempre desempenhando funções que para além do elemento estético. Por isso, o campo artístico também é um espaço buscado pelos segmentos sociais dominantes na sociedade, os quais tem nas diferentes linguagens artísticas, múltiplos canais de comunicação e de difusão das ideias que intentam consolidar como dominantes. E é por isso, igualmente que o campo das artes é também arena para as disputas e conflitos que são vivenciadas pela sociedade. A música de natureza regionalista *Aguateiro*, explora em sua letra o contexto do trabalho em um estabelecimento saladeril (unidade produtora de carne-seca, regionalmente conhecida como charque). De vertente histórica romantizada, a composição apresenta a atividade laboral de forma idealizada, evidenciando o grande fosso existe, com relação à cultura regional do gaúcho, entre a realidade histórica e a ideia é vivenciada pela população rio-grandense sobre a formação histórica local.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Ideologia; Música;

Trabalho.

THE TONE OF IDEOLOGY IN THE SONG “AGUATEIRO”: REPRESENTATIONS AND MEANINGS OF SALADERIL’S WORK

ABSTRACT: Art through its numerous manifestations dialogues with social reality, sometimes confirming values, sometimes denouncing them, but always in a knowable way and always performing functions that go beyond the aesthetic element. Therefore, the artistic field is also a space sought by the dominant social segments in society, which have, in the different artistic languages, multiple channels of communication and dissemination of ideas that they intend to consolidate as dominant. And that is why, equally, the field of arts is also an arena for disputes and conflicts that are experienced by society. The music of a regionalist nature, *Aguateiro*, explores in its lyrics the context of work in a saladeril establishment (dry meat production unit, regionally known as charque). From a romanticized historical perspective, the composition presents the work activity in an idealized way, showing the great gap there is, in relation to the regional culture of the gaúcho, between the historical reality and the idea that is experienced by the population of Rio Grande do Sul about the local historical formation.

KEYWORDS: Art; Ideology; Song; Job.

1 | INTRODUÇÃO

A produção artística voltada à cultura de massas é um espaço governado pela objetividade e racionalidade. Por isso, sua

construção, sejam elas musicais, poéticas, literárias, etc. estão calcados em elementos, perspectivas socialmente reconhecidas e aceitas como “verdadeiras”. Essa verdade, contudo, não diz respeito à realidade histórica, ou cultural, mas sim, diz respeito à ideia que se faz acerca daqueles elementos. Por isso, a arte, carregada de expressivo potencial cognitivo, revela as tensões que vigoram na sociedade. Em seu bojo diferentes tendências, ideologias, classes sociais e imaginários se fazem presentes, denunciando ou impondo modelos e valores.

A música “Aguateiro”, de vertente regionalista-gauchesca, ao abordar o trabalho de um saladeiro descreve suas atividades e as relações de trabalho que aí predominam. Através de sua sucinta descrição daquele labor, emergem diversas perspectivas acerca das relações que guiam o modelo capitalista de produção, tais como trabalho, divisão do trabalho, mais-valia e ideologia, exploração e dominação. Mas tal elenco de elementos ao invés de estranheza, causa no imaginário cultural regional certa afetividade, a qual se explica pela versão romantizada da história regional, que aí vigora.

A análise da letra da música oferece alguns fundamentos do processo de interpretação de realidade de interpretação das relações interpessoais em sociedade, sobretudo as relações de trabalho. Oferece, também, indícios que permitem uma compreensão mais plena das bases que sustentam a percepção que o presente mantém sobre o passado, bem como os valores e as ideias hegemônicas na sociedade.

É importante frisar que a representação que a sociedade faz do seu passado social, foi edificada ao longo dos séculos XIX e XX, época em que se deu a emergência e consolidação do capitalismo agropastoril no Rio Grande do Sul. E, a partir da emergência de diferentes entidades e instituições, as perspectivas, valores e percepções da classe social economicamente dominante, passaram a ser “distribuídas” pelas classes sociais que se fortaleciam, através da literatura, música e caracteres culturais identificadores (honra, força, belicismo, obediência à lei, etc.).

2 | CONCEITOS IMPORTANTES PRESENTES NA MÚSICA “AGUATEIRO”

Trabalho, alienação e mais-valia, são alguns conceitos-chave do pensamento de Karl Marx e que estão implicitamente presentes na letra da música “Aguateiro”. É importante evidenciar que as relações dos seres humanos com o meio, assim como as relações entre os diferentes sujeitos sociais, são o próprio “lugar de origem” da realidade. A realidade “[...] é um processo, um movimento temporal de constituição dos seres e de suas significações, e esse processo de pende fundamentalmente do modo como os homens se relacionam entre si e com a natureza” (CHAUÍ, 1991, p. 19). Neste sentido, a dimensão econômica desempenha importante papel na estruturação social e em sua compreensão, pois as relações humanas são essenciais para o próprio “acontecer da história”. Esta é, antes de tudo, o processo pelo qual as sociedades constroem-se e perdem através do

trabalho que reproduz as condições essenciais à sua existência.

Vejamos o trabalho. O trabalho através de diferentes modelos, e através de diferentes graus de honra (trabalhar já foi visto como degradante e como dignificante) sempre existiu na sociedade humana. No sistema capitalista, o trabalho assume uma formatação específica e fundamental para a própria organização da sociedade e distribuição do poder (político e econômico, principalmente). É guiado determinantes muito mais amplos do que aqueles que dizem respeito à atividade laboral ou ao ser: dizem respeito a projetos de dominação social e controle de riquezas, através do trabalho alienado, que “[...] é aquele no qual o produtor não pode reconhecer-se no produto de seu trabalho [...] [e] que faz com que o produto surja como um poder separado do produtor e como um poder que o domina e ameaça (CHAUÍ, 1991, p. 55).

Ainda que fundamentalmente exploratório, este sistema conta com significativa aceitação, não apenas entre aqueles que se apropriam do trabalho de outrem. Há entre os explorados um pacto, quando não uma devoção, de maneira que as relações desiguais entre os membros de diferentes classes passam despercebidas ou ignoradas, o que apenas é possível graças à ideologia, que transforma “[...] as ideias da classe dominante em ideias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das ideias)” (CHAUÍ, 1991, p. 93, 94).

A ideologia na perspectiva marxista é o “arranjo” de ideias, valores e interesses da classe dominante que são difundidos no dia-a-dia da sociedade e impostos aos indivíduos. De fato, “[...] a produção e distribuição dessas ideias ficam sob controle da classe dominante, que usa as instituições sociais para sua implantação – família, escola, igrejas, práticos políticos, magistraturas, meios de comunicação da cultura [...]” (CHAUÍ, 1991, p. 97, 98), que em seu conjunto, determinam em certa medida o que se sabe, o que se pensa e o que se compreende, sobre a sociedade e sobre si mesmo.

3 | A ARTE COMO ESPAÇO DE REPRODUÇÃO IDEOLÓGICA

Alcançando as mais diferentes manifestações sociais, a ideologia capitalista não poderia deixar de se manifestar, também, nas manifestações artísticas. A produção artística antes de ser fruto da genialidade ou da fantasia, é fruto de uma consciência imersa em uma realidade, estando por isso, sujeita às ideias que dominam na sociedade – notadamente as “ideias burguesas”, as quais, com relação as relações sociais e ao trabalho, os apresentam como “[...] coisas em si, existentes por si mesmas e não como consequências das ações humanas (CHAUÍ, 1991, p. 64).

A produção musical no contexto mais amplo das artes traz comumente em suas letras - mas, não só -, mensagens e perspectivas acerca da realidade social (e ideias) vivida pelos seus produtores ou receptores. Estes, mais próximos de ideologias do que

de musas inspiradoras, imprimem na arte (às vezes de forma inconsciente) as marcas da dominação em que estão imersos. Ou seja: a produção artística de uma época carrega as marcas de dominância da sociedade que a engendra. E, tem destaque neste sentido, as artes que exploram conteúdo histórico, pois estas “[...] testemunham [...] melhor a época de sua execução do que o período que pretendem evocar” (FREIRE, 1997, p. 95), pois o olhar do presente é determinado pelas ideias que dominam as pessoas, pois “a ideologia fabrica uma história imaginária (aquela que reduz o passado e o futuro às coordenadas do presente)” (CHAUÍ, 1991, p. 120).

Neste sentido, as músicas que pretendem narrar momentos históricos também operam na dimensão do presente que “lê o passado”. E, esta leitura é manipulada por comandos e por perspectivas contemporâneas que determinam o que será resgatado e como será “lido e oferecido” o passado ao presente.

3.1 “Aguateiro”, do álbum “o canto de telmo de lima freitas”

As obras de artes de viés histórico quando evocam o passado apresentam uma interpretação submetida aos preceitos contemporâneos. Neste sentido, a composição musical gauchesca “Aguateiro”, de autoria de Telmo de Lima Freitas compõe o LP “O Canto de Telmo de Lima Freitas” de 1973 aborda um momento histórico através do olhar do presente, narrando em versos o trabalho e as relações de trabalho de um saladeiro/charqueada¹. A composição faz uma descrição da rotina de uma pessoa que desde criança trabalhou no saladeiro, trazendo um conteúdo emocional e saudosista da atividade – embora a própria composição a denuncie como insalubre e socialmente injusta com o trabalhador, o que é, em certa medida, um artifício artístico comum ao regionalismo gaúcho.

A letra da composição, celebrizada pelo cancionero popular rio-grandense, apresenta os seguintes versos:

*Trabalhei num saladeiro, de aguateiro, lavando pata de boi,
Dois mil réis eu recebia, cada dia, tempito que já se foi.
Madrugada movimento, de matança, eu criança e serviçal,
Quando o boi “tastavilhava” eu já chegava dando conta do ritual.*

*Me fiz homem nessa lida divertida, trabalhando com amor.
Mais adiante eu fui bucheiro, e pandilheiro, bem mais tarde carneador.
Ajudei muito ingleses, muitas vezes, a encher de libras surrões.
A herança recebida nessa lida foram noites de serões.*

*Converso com o saladeiro, companheiro, dos meus tempos de guri.
Só respondem alicerços, eu já disperso, na Barra do Quarai.
Aprendi a ser brasileiro, meu parceiro, sem desfazer nos demais.
Sou um homem de charqueada, faça afiada pra defender meus ideais.
Sou um homem de charqueada, faça afiada pra defender meus ideais.*

¹ A charqueada ou saladeiro era o estabelecimento rural no qual era produzido o charque (carne seca) e beneficiadas as diferentes partes do gado vacum (sebo, casos, chifres, couro, etc.) destinadas ao mercado. A atividade charqueadora durante o século XIX e início do século XX foi a principal atividade econômica do Rio Grande do Sul, absorvendo parcela significativa da mão-de-obra escravizada rio-grandense.

*Converso com o saladeiro, companheiro, dos meus tempos de guri.
Só respondem alicerço, eu já disperso, na Barra do Quarai.
Aprendi a ser brasileiro, meu parceiro, sem desfazer nos demais.
Sou um homem da charqueada, faça afiada pra defender meus ideais.
Sou um homem da charqueada, faça afiada pra defender meus ideais.
Sou um homem da charqueada, faça afiada pra defender meus ideais.
Sou um homem da charqueada, faça afiada pra defender meus ideais. (FREITAS, s.d.).*

4 | UM CONTEÚDO HISTÓRICO PARA ALÉM DA LETRA DA MÚSICA

Foi através da atividade charqueadora no Rio Grande do Sul que se formou a elite regional que dominou o cenário político e econômico gaúcho do século XIX e parte do século XX. T tamanha foi sua importância à região, que a Guerra Civil dos Farrapos (1835-1845)², teve no charque, uma de suas razões.

No final do século XVIII³ surge no Rio Grande do Sul a indústria da charqueada. Esta aproveitava os rebanhos vacuns selvagens e aqueles criados nas estâncias, para produzir o charque (carne seca), preparar os couros e os produtos derivados (como os cascos, aspás, gorduras⁴, etc.), os quais eram em grande parte, exportados para outras províncias do Império e outras nações. Estes foram ao longo do século XIX “[...] os principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul. Somados ao sebo, à graxa e aos chifres – bens também produzidos nas charqueadas – eles chegaram a atingir 85% das negociações no período” (VARGAS, 2017, p. 153).

O charque, em vista de sua importância econômica e presença histórica e cultural no imaginário regional é uma espécie de “símbolo informal” do passado. É quase uma *entidade*, que no passado *ameaça* o trabalhador (pela força coercitiva e exploratória dos donos dos meios de produção), e que no presente *domina* emocionalmente a população, em função do poder simbólico que a história laudatória lhe atribui.

5 | A ROMANTIZAÇÃO DA HISTÓRIA RIO-GRANDENSE

Apesar da severidade do trabalho na charqueada e de sua insalubridade, a cultura regional do Rio Grande do Sul construiu uma versão romantizada do trabalho e da sociedade. Em linhas gerais, entende-se que “[...] a ideologia não tem história, mas fabrica

2 Também chamada de Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha, foi mais longo conflito armado brasileiro do período regencial brasileiro (1831 a 1840 compreendido entre a abdicação de D. Pedro I e a “Declaração da Maioridade” de D. Pedro II, que a habilitou a assumir o trono do Império do Brasil).

3 Datam do final do século XVIII as primeiras charqueadas com capacidade industrial no Rio Grande do Sul. Esta atividade é ancestral, consistindo em técnica rudimentar de conservação de carne em âmbito doméstico. Contudo, no final do século XVIII, mais precisamente “[...] em 1780, [ocorre a fundação da] primeira charqueada, pelo português José Pinto Martins” (SANTOS, 2022, pg. 46). A produção de charque em larga escala, em estabelecimento próprio é “[...] fruto de investimentos de comerciantes que viram uma oportunidade de preencher um espaço aberto com a crise da produção de carne salgada no nordeste do Brasil, ocasionada pelas duras secas que afetaram aquela região” (VARGAS, 2017, p. 153).

4 As partes gordurosas do boi eram a graxa e o sebo. A “[...] graxa [era] uma gordura mais fina e o sebo a mais grosseira. Sua utilidade era industrial, pois eram empregados na fabricação de sabão, velas e ceras, embora a graxa, muitas vezes, também fosse utilizada para fins comestíveis” (VARGAS, 2017, p. 158).

histórias imaginárias que nada mas são do que uma forma de legitimar a dominação da classe dominante” (CHAUÍ, 1991, p. 122). Deste modo, tal condição apenas se operou devido a fundamentos ideológicos da classe economicamente dominante no estado sulino no século XIX e XX que se infiltraram na historiográfica e na cultura rio-grandense.

O mundo pastoril da literatura inaugurou uma cadeia de manifestações culturais e ressignificações que se diversificou com a prosa, música, pintura, escultura, etc. Por fim, no século XX, a prolífica produção artística regionalista consolidou no imaginário regional um gaúcho que não é bem gaúcho em termos históricos e apresentou também um trabalho, que não é bem trabalho, pois é associado ao recreio e à diversão.

Na composição “*Aguateiro*”, o trabalho nas charqueadas é apresentada através desta lente. É importante considerar que mesmo que mudanças políticas tenham ocorrido (abolição da escravatura e a Proclamação da república), a cadeia produtiva e as relações entre proprietários e não proprietários, entre estancieiro e peão, as técnicas produtivas (apesar do desenvolvimento e adoção de práticas mais mecanizadas e seriadas), não se alteraram. Isso porque, “[...] o Estado não é um sujeito autônomo, mas instrumento de dominação de uma classe social e que, portanto, o sujeito dessa história estatista imaginária é, afinal, apenas a classe dominante” (CHAUÍ, 1991, p. 120). Deste modo, ao preservarem-se as bases sociais e econômicas durante os momentos de mudança política, preservam-se, também, as estruturas de exploração. Em tais estruturas sendo preservadas, preservaram-se igualmente, os paradigmas ideológicos que legitimavam a exploração do trabalhador naquele período e contemporaneamente.

6 | OS CONCEITOS IDENTIFICADOS NA MÚSICA “AGUATEIRO”

a) Trabalho

*“Madrugada movimento, de matança, eu criança e serviçal,
Quando o boi “tastavilhava” eu já chegava dando conta do ritual.”*

O trabalho, para Marx, não é algo negativo em si. Pelo contrário, Marx “[...] tem uma visão positiva do trabalho [...]” (ARAUJO; DOURADO e SOUZA, 2016, p. 59), associando-o ao meio pelo qual o homem se relaciona com a natureza e a modifica para atender suas necessidades. O alerta que Marx faz é sobre a “[...] necessidade de não confundirmos as formas capitalistas de trabalho com seu sentido mais profundo, como plataforma da organização social” (ARAUJO; DOURADO e SOUZA, 2016, p. 59). Isso porque, o trabalho possui significados mais amplos, ligados ao sentido de realização pessoal e produção dos recursos necessários à sobrevivência humana, seja individual ou coletiva.

O trabalho tomando a partir de uma perspectiva mais ampla “[...] envolve a existência de uma atividade orientada a uma finalidade, objetivo conscientemente planejado pelo sujeito previamente ao início da sua execução” (ARAUJO; DOURADO e SOUZA, 2016, p.

60). Assim, o trabalho é o elemento criador dos meios necessários para a concretização de finalidades diversas, dentre as quais se destacam a sobrevivência e a subsistência humana. Este é o trabalho livre⁵, planejado e executado conscientemente pelo sujeito. O seu oposto, o trabalho não-livre, é formulado pelo capitalismo, no qual, as diversas etapas que estão dissociados. O planejamento sai da esfera de decisão do trabalhador e entra na esfera de decisão do empregador, o qual se orienta pelo lucro (mais-valia). A execução sim, e apenas ela, cabe ao trabalhador.

No capitalismo, a subtração do poder de decisão da esfera do trabalhador e sua alocação nas mãos do empregador torna o trabalho exclusivamente um meio de “[...] sobrevivência física das pessoas, que se veem obrigadas a se sujeitar a certas relações de trabalho se quiserem permanecer vivas” (ARAUJO; DOURADO e SOUZA, 2016, p. 60). Isso, porque, a partir do momento em que o poder de decisão sobre as etapas do trabalho “[...] não é mais controlado pela maioria das pessoas, o trabalho deixa de ser uma atividade gratificante em si, para tornar-se compulsória e sem sentido” (ARAUJO; DOURADO e SOUZA, 2016, p. 60) e sem garantia alguma de que a remuneração daí advinda baste às necessidades do trabalhador, o qual depois de vendida sua capacidade laboral, não possui mais nada a oferecer no mercado de trabalho, pois “tão logo seu trabalho realmente começa esta [força] já deixou de pertencer-lhe e, portanto não pode mais ser vendida por ele” (MARX, 1996, p. 167).

A força (e o tempo de vida) que é comercializado no capitalismo é posto pelo sistema como um “componente” da cadeia produtiva, indistinta de outras máquinas e peças passíveis de substituição. Por isso o sistema produtivo não admite a existência de distinções entre os trabalhadores em vista de suas limitações, dificuldades peculiaridades. A única distinção admitida é “capaz” ou “incapaz” de realizar a tarefa, de modo a permitir, como retratado na música “*Aguateiro*”, do trabalho de crianças, realidade que felizmente hoje é detida pela legislação protetiva às crianças, embora nem o trabalho infantil, nem o trabalho análogo ao escravo tenham deixado de existir na realidade brasileira e nos Códigos legais.

b) Divisão do trabalho

“Trabalhei num saladeiro, de aguateiro, lavando pata de boi”

“Mais adiante eu fui bucheiro, e pandilheiro, bem mais tarde carneador.”

O trabalho no saladeiro é apresentado na música através de algumas de suas funções especializadas: aguateiro, bucheiro, pandilheiro e carneador⁶. Estas funções, já eram observadas à época do Brasil Imperial e, mesmo com a abolição do trabalho

5 Para Marx “[...] o processo de trabalho envolve três momentos simples: a atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito; em segundo lugar, seu objeto e, em terceiro, seus meios [...]. O trabalho que consegue articular livremente esses três momentos simples descritos é uma atividade positiva para a sociedade e seus integrantes. (ARAUJO; DOURADO e SOUZA, 2016, p. 60).

6 Muitas outras funções compunham a “linha de produção” de uma charqueada: “[...] os carneadores, descarneadores, charqueadores, tripeiros, salgadores, sebeiros, chimangos, graxeiros e serventes, além dos aprendizes” (VARGAS, 2017, p. 159).

escravizado no Brasil, o a República instaurada em 1889, tais atividades se mantiveram, uma vez que se mantiveram as bases materiais das relações e trabalho. Mesmo quando do ingresso de trabalhadores livres nestes estabelecimentos, ou com a mecanização rudimentar, as funções e as relações sociais, grosso modo, se mantiveram.

A divisão do trabalho é evidente na composição. É representada pela execução de uma tarefa por um trabalhador especializado. Esta especialização liga um trabalhador a uma função, de modo que o trabalhador é reconhecido pela função que realiza e não por sua própria identidade pessoal/humana⁷.

b.1) Linha de montagem e linha de desmontagem

É importante considerar que a “superespecialização”, comumente impede o acúmulo de funções (por limitações de tempo e/ou habilidade). A cadeia produtiva assim dividida impede que o resultado final do trabalho chegue às mãos do trabalhador. E, não lhe chegando às mãos, este não se identifica com o fruto ou conseqüências de seu trabalho. Este modelo de produção quando se desenvolve segundo estes parâmetros, realiza uma espécie de sequestro da condição de sujeito que o trabalhador possui enquanto ser humano. Essa é a alienação: “[...] quando o Sujeito não se reconhece como produtor das obras e como sujeito da história, mas toma as obras e a história como forças estranhas, exteriores, alheias a ele e que o dominam e perseguem [...]” (CHAUI, 1991, p. 41). O trabalhador nesta condição, observa o mundo como obra de outros e encara as suas funções laborais como sendo a atribuição que lhe coube por um poder externo, seja este poder o Estado, a Sociedade ou um poder divino. O trabalhador alienado não percebe que o Estado e a Sociedade são obras históricas e culturais, ou seja, humanas.

Na charqueada, a produção depende primeiro de uma “linha de desmontagem” do animal abatido (no caso, *vacum*), separando-se produtos como o sebo, chifres, patas, carne, etc. A carne separada é então beneficiada e preparada para sua comercialização, cujo produto final lhe escapa à percepção, assim como lhe escapam os benefícios que tal comércio proporcional.

Tanto a linha de “desmontagem” do gado quanto a de “montagem” do charque, ocasiona a desmontagem do trabalhador enquanto ser humano. Sua condição humana se dilui no sistema produtivo, até que se sobressaia, para identificá-lo, apenas sua posição na linha de produção. O ser nesta condição é uma engrenagem em um sistema. Apresentando defeito ou mau funcionamento, é rapidamente substituída por outra, buscada no mercado (mercado de escravos até a Lei Áurea e no mercado de trabalho de hoje).

⁷ As diferentes ocupações/funções especializadas que suprimiam s identidades pessoais foram surgindo com o desenvolvimento da atividade: “carneadores e graxeiros aparecem nos inventários desde a década de 1810. Os serventes, os salgadores e os sebeiros só começam a aparecer a partir da década de 1820. Os primeiros chimangos discriminados como tal só surgem nos plantéis da década de 1840. Os escravos mais especializados como os tripeiros surgem somente nos inventários da década de 1850 e os descarnadores na década de 1860. Tal fenômeno não significa que as atividades executadas pelos tripeiros e descarnadores, por exemplo, não eram realizadas anteriormente, mas sugere que a intensificação das mudanças de ordem técnica passou a exigir cada vez mais o treinamento e a especialização de alguns escravos do plantel, ao ponto de eles serem reconhecidos pelos avaliadores como experts naquele ofício” (VARGAS, 2017, p. 159, 16)

c) Alienação:

*“Converso com o saladeiro, companheiro, dos meus tempos de guri. Só respondem “alicerços”, eu já disperso, na Barra do Quaraí.”
“Me fiz homem nessa lida divertida, trabalhando com amor.”*

O termo “alienação” “[...] vem do latim *alienus*, que significa “alheio”, “o que pertence a um outro” (BODART, 2013). Este termo foi empregado em diferentes ciências e com diferentes significados. Mas, no geral, sempre manteve uma correspondência com a ideia de desconexão entre o “eu” e algo “que me pertence” (identidade, consciência, propriedade, fruto do trabalho, etc.). Deste modo, “o ‘sentido fundamental do termo significa *perda de controle*: sua corporificação numa *força externa* que confronta os indivíduos como um poder *hostil e potencialmente destrutivo*” (MÉSZÁROS, *apud* ARAUJO; DOURADO e SOUZA, 2016, p. 63, grifo do autor). Com relação ao mundo do trabalho capitalista, observa-se a existência de uma forma específica de atividade laboral: o trabalho alienado, que é aquele em que o sujeito perde o controle das etapas da produção.

A apresentação do trabalho em “Aguateiro” é feita não através do seu produto final, o charque, que sequer é mencionado na composição, mas sim, através das etapas da linha de montagem. Os trabalhadores envolvidos na produção de charque pouco ou nenhum contato tinham com o produto final, a não ser aqueles responsáveis pelas últimas etapas. Nesse processo de ruptura ente a experiência da vida laboral e a o fruto do trabalho faz com que “[...] as condições reais de existência social dos homens não lhes apareçam como produzidas por eles, mas ao contrário, eles se percebem produzidos por tais condições e atribuem a origem da vida social a forças ignoradas alheias às suas [...]” (CHAUÍ, 1991, p. 86, 87).

A alienação no trabalho neste contexto não é ponto de chegada. É sim, o ponto de partida de um processo social de dominação de classe através de ideais e de valores. Marx já fazia esse alerta, ao indicar que:

Sob o capitalismo [...] [há] basicamente, quatro características da alienação, que repercutem em pessoas que não conseguem ser sujeitos da sua própria atividade produtiva, sendo subordinadas a estruturas alheias à sua vontade: “a) o homem está alienado da *natureza*; b) está alienado de *si mesmo* (de sua própria *atividade*); c) de seu “*ser genérico*” (de seu ser como membro da espécie humana); d) o homem está alienado do *homem* (dos outros homens)” (MÉSZÁROS, *apud* ARAUJO; DOURADO e SOUZA (2016, p. 63, grifo do autor).

A alienação laboral é a primeira etapa de uma série de ocultações, que levam à fragilização das capacidades do sujeito de “perceber” e “compreender” a realidade, pois se torna refém das impressões imediatas colhidas em seu dia a dia⁸ junto às instituições,

⁸ “A sociedade [...] se realiza através de um conjunto de instituições sociais encarregadas de permitir a reprodução ou a reposição das relações sociais – família, escola, igrejas, polícia, partidos políticos, imprensa, meios de informação, magistraturas, Estado, etc. Ela é também lugar onde essas instituições e o conjunto das relações sociais são pensadas ou interpretadas por meio das ideias – jurídicas, pedagógicas, morais, religiosas, científicas, filosóficas, artísticas, políticas, etc.” (CHAUÍ, 1991, p. 75).

entidades, etc. individual e coletiva. O trabalhador submetido a este regime “se aliena em relação ao fruto de seu trabalho e [também] a sua própria essência e espécie” (BODART, 2013). Assim, em um panorama mais amplo, percebe-se que o trabalhador se aliena do mundo natural (dos recursos e matérias-primas, as quais pertencem ao capital); do seu trabalho e dos frutos do seu trabalho (que pertencem ao capitalista), de si mesmo (deixa de ser/sentir que é algo mais que um trabalhador ou sua função); da sociedade (o mundo externo à atividade laboral lhe é estranho, algo que não lhe pertence e por isso, não lhe diz respeito).

A alienação nesta forma limita a capacidade de participação do indivíduo em outros espaços e assuntos sociais, pois interfere no sentido e no sentimento de pertencimento do ser. Faz com que os indivíduos não consigam “[...] discernir e reconhecer nas formas sociais o conteúdo e o efeito da sua ação e intervenção; assim, aquelas formas e, no limite, a sua própria motivação à ação aparecem-lhes como alheias e estranhas” (NETTO *apud* DUBOC, DURIGUETTO, 2019, p. 274). Deste modo, não apenas o fruto do trabalho lhe é estranho, como o próprio efeito do seu trabalho na realidade social é lhe estranho (no sentido de não percebido).

Alienação também se evidencia em relação aos outros homens. Na música, o trabalhador dialoga com os alicerces do estabelecimento. É com elas que interage, inclusive emocionalmente. Não há menção aos outros trabalhadores. Não há menção de laços de solidariedade.

d) Mais-valia:

“Dois mil réis eu recebia, cada dia, tempito que já se foi.”

“Ajudei muito ingleses, muitas vezes, a encher de libras surrões.

A herança recebida nessa lida foram noites de serões.”

“Encher de libras surrões” e “noites de serões” dizem respeito a dois conceitos maxianos: a mais-valia e o “trabalho não-pago”. A mais-valia é a diferença entre os custos de produção (inclusive com mão-de-obra) e valor pelo qual é vendida a mercadoria. É um valor que nasce do labor do trabalhador e que “[...] a acumulação privada de capital” (ARAUJO; DOURADO e SOUZA, 2016, p. 66). Este valor é apropriado pelo dono dos meios de produção, ou seja, é um determinado *quantum* de trabalho não-pago e [...] [é] precisamente esse trabalho não-pago [que] é a fonte normal de seu lucro” (MARX, 1996, p. 179).

e) Ideologia:

“Me fiz homem nessa lida divertida, trabalhando com amor.”

“Aprendi a ser brasileiro, meu parceiro, sem desfazer nos demais.

Sou um homem de charqueada, faça afiada pra defender meus ideais.”.

A ideologia é uma construção orientada a um propósito. Este propósito, invariavelmente diz respeito aos valores daqueles que a gestam e que, por intermédio de algum poder (político ou econômico, por exemplo), conseguem impô-la à sociedade

através das instituições e d manifestações, como as artísticas. Nesse sentido, destacam-se as classes dominantes como construtoras de ideologias, as quais, “[...] em uma dada época, conseguem, a partir do seu poder econômico, criar um conjunto de instituições que propagam e reproduzem seus valores sociais e ideias” (ARAUJO; DOURADO e SOUZA, 2016, p. 66).

Sua capacidade de inserção social e de convencimento convertem as ideologias em um “[...] poder capaz de impor significações como legítimas, dissimulando as relações de força” (STRECK, 2004, p. 108), negando, muitas vezes, as tensões sociais advindas das relações desiguais de forças entre indivíduos e classes. Assim, criadas por uns e, consumidas por outros, as ideologias ao desempenharem suas funções evidenciam a existência de uma sociedade dividida entre dominantes e dominados.

A ideologia deste modo é sempre um mecanismo de dominação social. Uma espécie de “meio”, imprescindível a qualquer sociedade desigual, onde as riquezas são distribuídas de forma manipulada por intermédio de alguma forma de poder. Sua função é “[...] produzir ideias que confirmem [...] [a] alienação, fazendo, por exemplo, com que os homens creiam que são desiguais por natureza e por talentos, ou que são desiguais pelo desejo próprio (CHAUÍ, 1991, p. 78), mas jamais pro causa das condições materiais de existência na sociedade desigual.

A sustentação de um modelo social em que haja exploradores e explorados, por exemplo, apenas se pereniza se os explorados não perceberem sua condição e, se percebendo, concordem com essa condição. De fato, “em outros termos, o conceito marxiano de ideologia se refere a uma percepção parcial ou falsa de mundo, e não a um agregado de ideias qualquer” (ARAUJO; DOURADO e SOUZA, 2016, p. 67).

A ideologia é também uma forma de “ver o mundo”, forma esta que é dividida entre aqueles que “vivem” a “ideia” através dos espaços de poder que a institucionalizam E, uma vez institucionalizada, passa a ser defendida como uma síntese dos “valores” que põe em evidência, como se aqueles valores fossem universais. E, o sujeito social imerso nesta “realidade” e modelado por discursos, instituições, organizações e políticas públicas criadoras e difusoras, têm limitadas capacidades de perceber-se dentro de uma “realidade montada”, que o torna, antes de sujeito, um executor pré-programado de tarefas e de sentimentos.

Não há restrições espaciais à ideologia. Das atividades individuais, às coletivas, das domésticas às públicas, a ideologia influencia inclusive as formas de representar o mundo através das manifestações artriticas. É difícil, quando não impossível ao sujeito, pensar fora da rede de sentidos que o envolve. Até mesmo conceitos como “certo” e “errado”, “belo” e “feito” são orientados programações ideológicas de maneira que aquilo que é vivido em sociedade assume a aparência de “[...] um **discurso universal, natural**, óbvio, cuja tipicidade não é percebida e com relação ao qual todo “exterior” é relegado à categoria de **margem ou desvio**” (STRECK, 2014, p. 97, grifo nosso).

O senso comum desempenha importante papel na consolidação da ideologia. A partir dele determinadas opiniões ou intenções são postas à sociedade como universais e naturais a partir do poder de um indivíduo ou segmento social sobre outros indivíduos e segmentos sociais. Opiniões e intenções são repetidas até tornarem-se proverbiais: “*Deus ajuda quem cedo madrugada*”, é uma expressão curiosa (quando dita por um trabalhador), em uma “[...] sociedade que organiza sua produção e circulação de mercadorias baseada no lucro de quem é dono do espaço de trabalho” (ARAUJO; DOURADO e SOUZA, 2016, p. 61).

O senso comum corrobora situações degradantes que a ideologia consagra. Este contexto admite, por exemplo, como na música “Aguateiro” que uma criança poderia (para atender os condicionantes da realidade social) ter que acordar de madrugada, ser serviçal em um trabalho insalubre e, ainda, trabalhar com amor. E, tal realidade tende a ser mantida, pois em uma sociedade de classes com diferentes capacidades e graus de poder e de exercício de controle ideológico, não há espaço para revolta ou desvios à regra, pois o “revoltado ou desviante” que foge à “natural e universal”; passa a ser o desajustado/criminoso.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música *Aguateiro* possui claro conteúdo romântico, embora a atividade que represente seja insalubre e alienadora do trabalhador. Algumas situações representadas na música, quando ultrapassadas a dimensão estética e cênica, ganham destaque em virtude da crueldade que mascaram: o trabalho insalubre de crianças, a exploração do trabalhador, a não participação na riqueza produzida, a celebração da alienação do trabalhador de si mesmo e da convivência dos outros homens, no passado e no presente. Estas situações em seu conjunto mascaram as tensões sociais existentes, históricas e contemporâneas, em cumprimento (consciente ou não) dos padrões ideológicos vigentes, de modo a evidenciar como ponto principal não a verdade histórica do trabalho, mas sim, a ideologia dominante no âmbito cultural da sociedade que elaborou a composição musical e que a consome.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Ludwig Glauco, DOURADO, Ivan Pentead, SOUZA, Vinicius Rauber. Clássicos da sociologia: Durkheim, Weber e Marx – Passo Fundo: Ed. UPF, 2016. Disponível em: http://editora.upf.br/images/ebook/os_classicos_da_sociologia.pdf. Acesso em: 15 de out. de 2020.

CHAUÍ, Marilena de Souza. O que é ideologia. 34ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BODART, Cristiano das Neves. Você é alienado, alienante ou “alienista”? Blog Café com Sociologia, 2013. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/voce-alienado-al...nte-ou-alienista/>. Acesso em 15 de out. de 2020.

DUBOC, Jéssica Ribeiro; DURIGUETTO, Maria Lúcia. As categorias da alienação e do fetichismo na teoria social marxiana. In: Revista Katálysis. Florianópolis, v. 22 (Conflitos sociais, ideologia, cultura e Serviço Social), n. 2, p. 273-283, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/1982-02592019v22n2p273/40697>. Acesso em 30 de out. de 2020.

FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. – São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

FREITAS, Telmo de Lima. Musica Aguateiro. Letra. Disponível em: <https://musicatradicionalista.com.br/album/1899/o-canto-de-telmo-de-lima-freitas.html>: acesso em 17 de out. de 2020.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Livro Primeiro: o processo de produção do capital. Tomo 2 (capítulos XIII A XXV). Nova Cultural. São Paulo, 1996.

SANTOS, Andre Luiz Machado dos. O charque e sua presença histórica, cultural e gastronômica em Pelotas-RS [Brasil]: possibilidades para o turismo. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/10280/Disserta%20a7%20Andre%20Luiz%20Machado%20dos%20Santos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 05 de jul. de 2022.

STRECK, Lenio Luiz. *Hermenêutica jurídica e(m) crise: uma exploração hermenêutica da construção do Direito*. 11 ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2014.

VARGAS, Jonas Moreira. “As mãos e os pés do charqueador”: o processo de fabricação do charque e um perfil dos trabalhadores escravos nas charqueadas de Pelotas, Rio Grande do Sul (1830-1885). SÆCULUM - REVISTA DE HISTÓRIA [36]; João Pessoa, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/download/27484/19638+&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 17 de out. de 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 1, 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 26, 27, 28, 30, 31, 36, 38, 47, 48, 49, 50, 66

B

Bandas instrumentais 60, 66, 68, 69, 74

C

Conto 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37

Cotidiano 3, 22, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 40, 44

Cultura popular 14, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 40, 44, 45

Culturas populares 14, 15, 18, 19, 21, 22, 23, 24

D

Desenvolvimento infantil 1, 2, 7, 8, 12

E

Educação 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 13, 14, 24, 60, 66, 69, 70, 71, 74, 75, 77

Educação musical 60, 66, 69, 74

H

História cultural 14, 15, 16, 19, 24

I

Ideologia 47, 48, 49, 50, 51, 56, 57, 58, 59

M

Música 2, 28, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 52, 53, 56, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 74, 76

P

Preconceito 26, 32, 33, 35, 36

Psicologia 8, 26, 27, 30, 31, 36

R

Região de Montenegro/RS 60

T

Trabalho 7, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 74

ARTE e CULTURA:

Desenvolvimento
intelectual e
cognitivo



Atena
Editora

Ano 2022

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

www.facebook.com/atenaeditora.com.br



ARTE e CULTURA:

Desenvolvimento
intelectual e
cognitivo



Atena
Editora

Ano 2022

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 